

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

050

Um escritor na prisão

O assédio de jornalista a uma garota, que mobilizou a capital gaúcha há exatamente um século, é o caso deste domingo da série que relembra episódios marcantes da crônica policial gaúcha

Entre o Natal e o Ano-Novo de um século atrás, em cada residência e em todas as esquinas de Porto Alegre, as conversas tratavam de um único assunto: o suicídio de uma garota de 15 anos.

Leonor, filha do major do Corpo de Intendentes do Exército João Príncipe da Silva, havia deixado um bilhete para os pais: sem indicar as razões, iria jogar-se nas águas do Guaíba.

As margens do rio foram vasculhadas durante pelo menos três dias, por grupos policiais, à procura do corpo.

E nada.

À boataria inicial acrescentou-se outra informação: o jornalista e escritor Carlos Araújo Cavaco, casado, era frequentador assíduo da casa da família Príncipe e exercia grande influência sobre a moça.

Ela teria apenas fugido de casa e se refugiado na residência de um amigo de Cavaco, para lá viver um grande romance.

Leonor só reapareceu no dia 31 de dezembro de 1912, véspera do Ano-Novo. Contou, num primeiro momento, a história de seu "sequestro". Só no dia seguinte revelou toda a verdade.



Carlos Cavaco estava em Caxias do Sul quando Leonor saiu de casa, no final da tarde do dia 25 de dezembro.

Mas isso só fez crescer a presunção de que era ele o grande responsável por tudo. Uma multidão enfurecida quis trucidá-lo, quando ele retornou a Porto Alegre, convocado, por telegrama, pelo delegado judiciário, Thompson Flores. Veio de trem e, na estação férrea, conseguiu escapular-se, enquanto sua mulher, Rosita, era conduzida, pela polícia, para um lugar seguro.

Cavaco refugiou-se na casa da sogra, na Rua General Portinho, e foi preciso o piquete da Chefatura de Polícia, a escolta presidencial e 40 praças da Brigada Militar para assegurar sua integridade, ameaçada pela "onda de ameaçadora expectativa" da população, que gritava: "Lincha, mata".

À polícia, Cavaco se disse tranquilo, porque tudo seria esclarecido por Leonor, "que sempre se disse maltratada desde Corumbá (MS)", onde teria sido deflorada por um músico italiano.



Não foi assim.

"A Federação" preparou uma edição especial no dia 2 de janeiro e dedicou toda a primeira página ao episódio, com títulos de vender jornal: A verdade dos fatos, A confissão da menor, Atentado monstruoso, Insulto à sociedade porto-alegrense.

Num dos textos, o repórter, antes de saber os detalhes todos, perguntou-se o que toda Porto Alegre queria saber:

– Leonor estaria virgem?



Na noite em que desapareceu, ela foi levada pelo inspetor de polícia Affonso Baptista de Almeida e sua mulher, a mando de Cavaco. No dia anterior, Leonor havia combinado com ele a fuga.

Com o jornalista na prisão, ela se disse arrependida do que fizera, depois de permanecer seis dias escondida, à espera de Cavaco.

O major Príncipe foi o primeiro a falar ao repórter:

– Leonor não foi desvirginada em Corumbá.

E culpou o jornalista:

– Foi aquele miserável bandido que a desonrou.



Cavaco assediava Leonor. E ela correspondia.

A moça queixou-se de dor na garganta, em meados de novembro, e o jornalista, na frente da mãe dela, prontificou-se a levá-la ao médico, seu cunhado. No dia convencionado ela foi, o médico não estava, Cavaco atraiu-a a um quarto para ver "os livros de Eça de Queirós e outros mestres".

Cavaco chaveou a porta, "consumando a suprema infâmia de roubar a virgindade dessa criança".

O repórter ainda lhe indagou:

– Não choraste, nem gritaste?

– Não, em verdade não sei explicar bem o que se passou com meu espírito.



Porto Alegre parou no dia em que Cavaco foi submetido ao Tribunal do Júri. Afinal, o episódio havia sido transformado, pela acusação, em atentado à honra do Exército. Indiciado por estupro e sequestro, o jornalista teve na sua defesa um dos maiores tribunos daqueles tempos, Antonio Carlos Pereira da Cunha.

Não adiantou. Foi condenado a oito anos e dois meses de prisão. Em instância superior, a pena foi reduzida para um ano e dois meses.

Cumprida a punição, Cavaco foi libertado no dia 1º de março de 1914. Pode até haver algum exagero, mas segundo o biógrafo do jornalista, Ivo Caggiani, "ao sair do presídio, foi recebido por uma massa popular, calculada em mais de 6 mil pessoas". Com palmas e gritos de "viva Cavaco".



Carlos Cavaco (ao lado) foi processado por sequestro e estupro de Leonor (abaixo), filha de major do Exército



Nos primeiros dias de janeiro de 1913, jornal A Federação dedicou amplo espaço para a cobertura do caso



O crime

Vítima:

Leonor Príncipe da Silva

Época do crime:

Dezembro de 1912

Cidade:

Porto Alegre

Autor do crime:

Carlos Araújo Cavaco

Motivação:

Sexual